

Na percepção da escala, o que é real passa a ser considerado irrelevante, e o que determina as dimensões do objeto é o tamanho aparente que vai ter às vistas do observador.

A escala brinca com a percepção humana. As pessoas acostumam-se a ver enormes objetos do cotidiano flutuando sobre os edifícios e ruas. São como brinquedos superdimensionados para uma população invisível de seres gigantes.

Tudo isso torna a cidade atraente: em contraposição ao cinza dos prédios, os elementos gráficos colorem e alegam a cidade, transformando-a num cenário ao mesmo tempo fascinante e assustador.

O ritmo da vida moderna não permite ao observador muito tempo para ler longas mensagens. Para o "novo" e rápido consumidor de hoje, a gráfica urbana deve ser como uma tela de televisão gigante, veículo com o qual ele está familiarizado, e que de certa forma o educa visualmente. As mensagens são portanto mais visuais que literárias: as longas e prosaicas legendas de outrora são substituídas pela síntese eloqüente das imagens.

Tirar o objeto de seu contexto normal e representá-lo de maneira descomunal, causa uma forte e marcante impressão no observador, facilitando a visão e a apreensão em segundos e a uma distância considerável. O objeto se torna memorável: o indivíduo não percebe somente sua forma global, mas passa a uma exploração dos elementos gerais da imagem. As pessoas ficam familiarizadas com pequenos detalhes que antes passariam despercebidos, da mesma forma como a televisão afeta o produto que vende: tornando-o maior e mais real que a vida.



CCSP